

## UMA QUARTA-FEIRA QUE NÃO FOI NEGRA

por Mário Soares

Esperava-se que a última quarta-feira, 14 de Janeiro, fosse negra, para Portugal e, consequentemente, para a União Europeia. Que tivéssemos de recorrer não só ao Banco Central Europeu, ao Fundo Europeu para a Estabilidade Financeira (FEEF) como ao Fundo Monetário Internacional (FMI). O que seria um descrédito para o primeiro-ministro, José Sócrates, que jogou tudo por tudo para que tal não acontecesse, como para o Governo, que poderia não se aguentar, no Parlamento, e sobretudo para Portugal, que seria o terceiro país da zona euro - a seguir à Grécia e à Irlanda - a ficar sob custódia do FMI. À espera da Espanha, da Bélgica, da Itália e talvez mesmo da França...

Mas afinal tal não aconteceu. Graças ao trabalho, pertinaz e corajoso de José Sócrates e do seu ministro das Finanças, Teixeira dos Santos. Curiosamente, a maioria dos economicistas, que tão continuamente, nos preveniram contra a tragédia anunciada, que aí vinha, não disseram uma palavra de louvor ao Governo ou de esperança para o País. Limitaram-se a encolher os ombros e a dizer: "não foi desta mas será para a próxima, para amanhã ou daqui a quinze dias"...

É certo que se tapou um buraco - e que buraco! - e que outros irão aparecer. Graças, essencialmente, à compra dos nossos títulos de dívida, feita pelo Banco Central Europeu, pelo Brasil, pela China e pelo Japão, em condições que não estão ainda claras para a nossa opinião pública. Nem em quantidade nem por quanto tempo. E deviam estar.

A verdade é que a resistência do Governo Português aliviou as pressões internas e externas que tanto nos afligiam e fez recuar (como escreveu o El País) a "alcateia de lobos" dos mercados especulativos que, sem quaisquer escrúpulos, se preparavam para nos atacar. Por outro lado, a enérgica posição portuguesa, resultou num alívio para a nossa vizinha e amiga Espanha que, se chegasse a ser atacada, punha, incontestavelmente, em causa o equilíbrio europeu da zona euro. Portugal dissipou, assim, nos próximos tempos, o forte receio de contágio que estava, perigosamente, a difundir-se.

Pela primeira vez a União reagiu: a Comissão Europeia, com a intervenção atempada - honra lhe seja! - do seu Presidente, José Manuel Durão Barroso, pela posição firme, em defesa do euro, tomada também por Jean Claude Trichet, Presidente do Banco Central Europeu, e até pelos países mais reticentes, como a França e a Alemanha, que nesta coluna tanto tenho atacado.

Deu-se, assim, uma certa viragem no comportamento dos países mais influentes da União, que compreenderam, finalmente, ao que parece, que a defesa concertada do euro era absolutamente necessária à sua própria sobrevivência, num Mundo multilateral, em que os colossos emergentes não devem considerar a União Europeia, como se fosse incapaz de ultrapassar a crise global.

É esse risco que os dirigentes europeus são obrigados a ter em conta, com realismo. E não basta, para tanto, melhorar as finanças de cada Estado membro e diminuir os deficits. É preciso ter uma política concertada de desenvolvimento económico, social e ambiental, para a União, que mantenha o bem-estar das populações e a identidade da Europa, como um todo, na riqueza da sua diversidade, mediante uma reforma institucional que assegure uma Governação económico-financeira única, no quadro de uma Europa Política e Cidadã.

Não é, claramente, uma mudança que se possa fazer de um dia para o outro. Implica tempo e esforços conjugados. Mas a crise global que nos afecta lançou-nos esse desafio, sobretudo aos Estados da zona euro. Ora, ou temos a coragem de ir por esse caminho - como os Pais Fundadores nos ensinaram - ou entraremos em inexorável decadência.

Portugal e Espanha têm, no domínio das políticas europeias, posições convergentes. É, portanto, talvez o momento oportuno - já nas reuniões marcadas para Fevereiro próximo - de erguermos a voz no próximo Conselho Europeu, em nome da nossa história e cultura peninsulares e, se for necessário, darmos um murro na mesa... Quando há uma vontade clara e expressa, quase sempre resulta.

A Europa e o Magrebe

Para nós, da Europa do Sudoeste - a França, a Espanha e Portugal - o Magrebe, fica a dois passos, por assim dizer, à nossa vista, no estreito de Gibraltar. É um pulo, no Mediterrâneo - o mare nostrum, dos romanos - que nos separa e, simultaneamente, aproxima. Sempre na nossa História, assim tem sido. A capital mais próxima de Lisboa não é Madrid, como muitos supõem, mas Rabat.

Portugal desde a derrota do nosso rei mítico, D. Sebastião, em Alcácer Quibir, nunca mais teve conflitos com os países do Magrebe. Ao contrário do que sucedeu com a Espanha e a França, antes das independências. Marrocos, Argélia e Tunísia sempre nos ajudaram na luta contra a Ditadura e, nos momentos, tão difíceis, após a Revolução dos Cravos, em que fizemos a descolonização, tarde no tempo mas em boa hora.

Vem este breve intróito a propósito do que se está a passar na Tunísia, com a fuga e a queda de Ben Ali, depois da revolta dos estudantes, que se comunicou a todo o território e à maioria da população, derrubando, sem qualquer ajuda externa, uma velha ditadura corrupta.

Na Argélia, antes, houve também revoltas mas foram, apesar de tudo, controladas. A causa foi idêntica: a crise global, a ausência de perspectivas para a juventude, saída das Universidades, a alta incontável dos preços dos produtos alimentares e também alguns rumores de corrupção, que as provocaram. Como, aliás, com menos intensidade, tem sucedido em Marrocos, onde nada de comparável ocorreu, mas onde há um certo mal-estar latente provocado pela ameaça do terrorismo islâmico.

Contudo, apesar do terrorismo islâmico se estar a espalhar, pela África de língua francesa - e em Marrocos ter havido alguns actos deploráveis - na Argélia e na Tunísia, o problema parece ser outro: a insatisfação da juventude, o desemprego e o baixo nível de vida da maioria da população, em contraste com a riqueza inexplicável do pessoal político dirigente.

O Magrebe e a Europa inter-influenciam-se com os Estados europeus referidos e, ainda, com a Itália, no que se refere à Tunísia. As revoltas e o mal-estar das populações magrebins são um aviso que a União Europeia - em tempo de crise - não pode nem deve ignorar...

#### A catástrofe do Rio

No artigo da semana passada, ocupei-me das catástrofes naturais provocadas pela ganância dos homens e pelo desrespeito que continuam a ter pelos equilíbrios do Planeta.

Estava muito longe de pensar na horrível catástrofe que, menos de oito dias depois, houve no meu querido Rio de Janeiro, nessa "cidade maravilhosa cheia de encantos mil", em Petrópolis e na nova Friburgo. A chuva torrencial atirou estradas para o abismo, destruiu casas e morros, riachos transformaram-se em enxurradas e, principalmente, já morreram cerca de 600 pessoas. Um autêntico horror, que enlutou o Brasil e nos toca profundamente, em especial a nós, portugueses, como país irmão.

Sei que há calamidades que não podemos evitar. Mas aqui talvez não seja o caso: porque a catástrofe resultou, em boa parte, da desordem do território e da construção de casas e de estradas em más condições de segurança. Sentimos isso mesmo, em muito menor escala, felizmente, na ilha da Madeira.

Como amigo fiel do Brasil senti profundamente a perda de vidas, em condições tão inesperadas e injustas. Espalhou-se o medo, o desespero, o horror. Mas houve também provas consoladoras de solidariedade. Honra seja aos brasileiros, nossos irmãos!

#### Martha de la Cal

Faleceu, inesperadamente, a jornalista correspondente americana, há muitos anos radicada em Portugal, Martha de la Cal. Era uma jornalista independente e destemida que trabalhava para a revista americana Time para o jornal Times, de Londres e também para o Irish Times. Tinha acabado uma crónica sobre a crise portuguesa, para o Irish Times, quando sofreu um AVC e faleceu.

Americana, muito nova, foi para Cuba, com os pais, tendo feito os seus estudos universitários em Havana, onde foi colega de Fidel Castro. Mas sempre foi crítica do regime castrista. Por isso se instalou, anos depois, em Madrid, onde casou com o jornalista e excelente fotógrafo Peter Collins, já falecido. Radicaram-se depois em Portugal, nos anos finais do salazarismo. Teve seis filhos, vários netos e faleceu com 84 anos.

Foi um dos fundadores da Associação da Imprensa Estrangeira, criada nos anos 70, depois da Revolução dos Cravos. Revolução, diga-se, que Martha viveu intensamente.

Foi então, após o meu regresso do exílio, que a conheci. Era um tempo de grande curiosidade pela Revolução dos Cravos em que excelentes jornalistas, de todos os Continentes, abundavam em Portugal. Uma experiência nova, inesperada, pioneira, que apaixonou a Europa, o Mundo e que acabou bem. Foi uma revolução pacífica e de sucesso. Fez-se a descolonização, num tempo recorde; enraizou-se a democracia pluralista e civilista, após 48 anos de Ditadura; aderiu-se à CEE e ao euro; tudo isto, sem grandes sobressaltos. Os "capitães de Abril", que Martha conheceu bem, cumpriram a sua promessa de realizar eleições livres. E passaram o poder aos Partidos, de acordo com o voto popular.

Foi nesse apaixonante período que conheci melhor Martha, que me foi apresentada, salvo erro, por Marvine Howe, então correspondente do New York Times, grande amiga de Martha, que nessa altura passava temporadas em Portugal, como os correspondentes da France Press, Reuters, Exchange Telegraph e inúmeros jornalistas do Mundo inteiro.

Marta nunca quis ser Presidente da Associação da Imprensa Estrangeira. Foi apenas Vice-Presidente, no mandato do jornalista chileno, Mário Dujisin. Mas era, pela amizade e respeito que todos lhe tinham, a decana, sempre pronta a ajudar os colegas mais novos. Por isso, antes do funeral, lhe prestaram uma breve e sentida homenagem, em que usaram da palavra, o representante do Financial Times, a jornalista espanhola Belen Rodrigo e enviou uma mensagem, que foi lida, Marvine Howe, entre outros amigos portugueses.

O falecimento de Martha de la Cal representa uma grande perda. Foi uma lúcida amiga de Portugal, que nos ajudou ao longo de muitos anos. Deixa-nos uma imensa saudade!

Lisboa, 18 de Janeiro de 2011